

Trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital de ensino

Academic-professional trajectory of black nurses in a teaching hospital
Trajectoria acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital universitario

Renata Vieira Avila¹

ORCID: 0000-0001-7830-5152

Íria Ramos Oliveira²

ORCID: 0000-0002-4289-1644

Taís Alves Farias²

ORCID: 0000-0002-0774-8463

Marina Soares Mota²

ORCID: 0000-0002-5717-9406

Adrize Rutz Porto²

ORCID: 0000-0002-5616-1626

Juliane Portela Ribeiro²

ORCID: 0000-0002-1882-6762

Resumo

Objetivo: Conhecer a trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital de ensino. **Métodos:** Estudo qualitativo, exploratório e descritivo, realizado no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Participaram do estudo cinco enfermeiras autodeclaradas negras com idade entre 35 e 47 anos, com tempo de formação de nove a vinte anos, com trabalho no referido hospital de ensino de cinco a seis anos. As entrevistas foram realizadas virtualmente de maio a junho de 2022. O conteúdo produzido foi transcrito na íntegra e tratado através da análise de conteúdo. A pesquisa seguiu todos os princípios éticos. **Resultados:** As enfermeiras negras relataram dificuldades, principalmente, financeiras, que impactaram no acesso e na permanência no ensino superior durante a formação. Além disso, revelaram situações de racismo experienciadas no cotidiano, seja na forma estrutural, institucional e na forma de microagressões. Apesar disso, compreendem a importância de seu protagonismo para a luta antirracista. **Conclusão:** Constata-se a necessidade de mais estudos envolvendo a mulher negra e a enfermagem, o impacto do racismo na saúde mental dos profissionais negros, além de maiores esforços no combate ao racismo.

Descritores: Hospitais de Ensino; Enfermeiras; Racismo; Mulheres; Universidades.

¹Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

²Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Autor correspondente:
Íria Ramos Oliveira
E-mail: iria_oliv@hotmail.com

O que se sabe?

Embora existam estudos sobre o reflexo do racismo na presença/ausência de mulheres negras no trabalho, ainda são escassas ou quase ausentes as produções sobre as vivências das enfermeiras negras no Brasil.

O que o estudo adiciona?

Este artigo quer dar mais visibilidade a estas profissionais e as suas dificuldades tanto na formação quanto no ambiente de trabalho, principalmente provocados pelo racismo presente no cotidiano destas.



Como citar este artigo: Avila RV, Oliveira IR, Farias TA, Mota MS, Porto AR, Ribeiro JP. Trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital de ensino. Rev. enferm. UFPI. [internet] 2024 [citado em: dia mês abreviado ano];13: e4570. DOI: 10.26694/reufpi.v13i1.4570

Abstract

Objective: To know the academic-professional trajectory of black nurses in a teaching hospital. **Methods:** Qualitative, exploratory and descriptive study carried out at the Teaching Hospital of the Federal University of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. The participants were five self-declared black nurses, aged between 35 and 47 years, graduated nine to twenty years ago, working in the aforementioned teaching hospital for five to six years. The interviews were conducted virtually from May to June 2022. The content produced was transcribed in full and treated through content analysis. The research followed all ethical principles. **Results:** Black nurses reported difficulties, mainly financial, which impacted the access and the possibility to continue in university education during training. In addition, they revealed situations of racism experienced in daily life, whether in structural, institutional forms or in the form of microaggressions. Despite this, they understand the importance of their protagonism in the anti-racist struggle. **Conclusion:** There is a need for more studies involving black women and nursing, the impact of racism on the mental health of black professionals, in addition to greater efforts to combat racism.

Descriptors: Teaching Hospitals; Nurses; Racism; Women; Universities.

Resumen

Objetivo: Comprender la trayectoria académico-profesional de enfermeras negras en un hospital universitario. **Métodos:** Estudio cualitativo, exploratorio y descriptivo realizado en el Hospital Universitario de la Universidad Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. En el estudio participaron cinco enfermeras autodeclaradas de raza negra, con edades comprendidas entre 35 y 47 años, con un tiempo de formación de nueve a veinte años, y trabajando en el mencionado hospital universitario durante cinco a seis años. Las entrevistas se realizaron de forma virtual de mayo a junio de 2022. El contenido producido fue transcrito íntegramente y procesado mediante análisis de contenido. La investigación siguió todos los principios éticos. **Resultados:** Las enfermeras negras informaron dificultades, principalmente financieras, que impactaron su acceso y permanencia en la educación superior durante su formación. Además, revelaron situaciones de racismo vividas en la vida cotidiana, ya sea en forma estructural, institucional o en forma de pequeñas agresiones. Pese a ello, entienden la importancia de su papel en la lucha antirracista. **Conclusión:** Es necesario realizar más estudios que involucren a las mujeres negras y la enfermería, el impacto del racismo en la salud mental de los profesionales negros, así como mayores esfuerzos para combatir el racismo.

Descriptor: Hospitales Universitarios; Enfermeras; Racismo; Mujeres; Universidades.

INTRODUÇÃO

No Brasil, os ex-escravizados e seus descendentes foram marginalizados e excluídos da sociedade, e a eles foi negado direitos básicos de forma institucionalizada e sistemática. Mesmo de maneira não explícita na legislação formal, as estruturas de poder do Estado mantiveram a lógica de veto às pessoas negras nos ambientes educacionais. Com isso, se perpetua o ciclo das desigualdades, principalmente para as mulheres negras, que ocupam a base da pirâmide social, têm os menores salários, menor chance de acessar e concluir a universidade.⁽¹⁻²⁾

A educação é a principal ferramenta contra o racismo. O movimento negro, através de árduas lutas, reivindicou o acesso à universidade pública com objetivo de reduzir as disparidades educacionais entre a população negra e branca. A partir de então, foi sancionada em 2012 a Lei 12.711, conhecida como Lei de Cotas, que dispõe sobre o ingresso nas universidades e institutos federais. A lei reserva 50% das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, de famílias de baixa renda, pessoas com deficiência e autodeclarados negros e indígenas. O ingresso de pessoas ao ensino superior que historicamente são tratadas de forma desigual em consequência da branquitude, do racismo, da divisão de classes e do capacitismo contribui para descortinar saberes e experiências que até então eram invisibilizadas. No ambiente universitário, as pessoas negras promovem debates e produção científica sobre suas vivências individuais e em comunidade, experiências artísticas e culturais, histórias ancestrais e de como sobreviver perante as violências promovidas pelo racismo.⁽³⁾

O racismo é um processo sistemático de discriminação pela raça que, através de práticas conscientes e inconscientes, ocasionam desvantagem ou vantagens a indivíduos de determinados grupos.⁽⁴⁾ A reprodução do racismo está presente nas relações de poder político, histórico, social e econômico, revelado através das desigualdades na distribuição e acesso aos recursos como moradia, saúde, educação, representação política, mídia, emprego e outros.⁽⁵⁾ O racismo se mantém na sociedade associado à branquitude, um fenômeno que busca a manutenção da hierarquização das relações de dominação em prol do grupo racial branco. A branquitude é responsável por uniformizar valores e processos, assim como define quem pode ou não pertencer a determinados espaços.⁽⁶⁾

O racismo é cotidiano, explícito no vocabulário, nos discursos, em gestos, ações e imagens que colocam as pessoas negras como as/os outras/os. São experiências que se repetem ao longo da vida das pessoas negras, seja andando na rua, no supermercado, no ônibus, na família, na escola, no ambiente de

trabalho e demais espaços.(7) Além disso, o racismo interage com outras estruturas de dominação, como o classismo e o sexismo. Essas opressões se interseccionam sobre as mulheres negras, causando distintas formas de violências experienciadas por esse grupo. O feminismo negro coloca sua lente sobre estas particularidades, propondo a reflexão da opressão simultânea de raça, gênero e classe sofrida pelas mulheres negras, buscando compreender as condições específicas para que esses processos discriminatórios ocorram de forma entrecruzada.(4,8-9) O pensamento feminista negro surge através de ideias produzidas por mulheres negras e, especialmente, para as mulheres negras, compartilhando suas experiências singulares e de grupo.⁽¹⁰⁾

Influenciada diretamente pelo racismo, a Enfermagem Moderna no Brasil se utilizou de modos de exclusão para a formação das primeiras profissionais no país. No início do século XX, as escolas de enfermagem apresentavam uma série de exigências para o ingresso na instituição como: ser mulher, branca, de formação preferencialmente cristã, de classes média e alta.⁽¹¹⁾ Era proibido o acesso de estudantes negras, por não se adequarem à imagem ideal da enfermeira do modelo padrão.⁽¹¹⁾ Apenas na década de 1960 foi que mulheres negras conseguiram adentrar nas escolas de enfermagem, a partir de uma política de ingresso menos restritiva que tinha por objetivo aumentar o número de profissionais para atender à demanda do mercado de trabalho.⁽¹²⁾

Mesmo após a abertura das escolas de enfermagem, o racismo estrutural ainda restringe o acesso das pessoas negras às universidades, como consequência, mesmo sendo a maioria das profissionais de enfermagem, quando se observa a formação superior, a mulher negra é minoria entre as enfermeiras.⁽¹³⁾ Em diversos espaços sociais, as mulheres negras ocuparam o lugar social de *outsider within* (forasteiras de dentro), uma forma de marginalidade que originou uma perspectiva específica destas em diversos temas.⁽¹⁰⁾ Ao ser minoria entre as/os enfermeiras/os, a mulher negra adentra em ambiente hostil, se mantendo como *outsiders within*. Apesar de estarem dentro, lidam com o racismo institucional ao terem menos representatividade em cargos de destaque e poder, e maior exposição diária ao racismo cotidiano.⁽¹¹⁻¹²⁾

Mesmo com a maior inserção de pessoas negras na academia nos últimos anos, ainda é tímida a produção de estudos que versam sobre o ingresso, a permanência e a formação superior em enfermagem de mulheres negras. Buscas para uma revisão narrativa de literatura aconteceram de agosto de 2021 a março de 2022 e foram feitas pela pesquisadora principal no Google Acadêmico, na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As palavras-chaves utilizadas foram: Enfermeiras Negras; Invisibilidade de Enfermeiras Negras; Saúde da Mulher Negra; Acesso e Permanência de Estudantes Negros à Faculdade; Mulheres Trabalhadoras. Durante essas buscas, encontrou-se poucas produções científicas comprovando a necessidade de mais estudos sobre o tema. Então, para contribuir com o debate, o presente estudo tem por objetivo conhecer a trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital de ensino.

MÉTODOS

Trata-se de estudo qualitativo descritivo e exploratório, o qual foi conduzido e estruturado a partir do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) para atender às exigências científicas para estudos qualitativos.⁽¹⁴⁾ A pesquisa seguiu os preceitos éticos postulados no Código de Ética dos profissionais de enfermagem, bem como a Resolução nº 466/2012, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e a Carta Circular nº 1/2021 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde que orienta procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Também respeitou a Lei Geral de Proteção de Dados, Lei nº13.709/2018, que estabelece regras sobre coleta, armazenamento, tratamento e compartilhamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais. Para garantia do anonimato, os participantes foram identificados como "ENF" de enfermeira, seguidos pelo número da entrevista como, por exemplo: ENF 1, ENF 2. O estudo foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas com o número do Parecer 5.405.917.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul (RS), no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas - Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (HE-UFPel/EBSERH). A Instituição adveio da necessidade da Universidade ter um local para o desenvolvimento do aprendizado prático dos acadêmicos, tornando-se também um fornecedor de serviços por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) para 28 municípios da região Sul do RS. É um hospital geral,

com 175 leitos distribuídos entre as seguintes unidades: Clínica Médica, três Redes de Urgência e Emergência (RUE I, II e III), Clínica Cirúrgica, Clínica Obstétrica, Clínica Ginecológica, Clínica Pediátrica, duas Unidades de Terapia Intensiva (UTI Neonatal e UTI Geral) e Hospital Dia. Métodos detalhados do artigo Métodos detalhados do artigo Métodos detalhados do artigo Métodos detalhados do artigo Métodos detalhados do artigo.

Participaram do estudo cinco mulheres autodeclaradas negras enfermeiras e trabalhadoras do HE-UFPel/EBSERH. Enfermeiras do Hospital Escola-UFPel/EBSERH, que se autodeclararam negras, foram incluídas. Para a seleção das participantes, utilizou-se a técnica conhecida como *snowball*, “Bola de Neve”, sendo a informante-chave uma enfermeira negra que havia supervisionado o estágio final do curso de enfermagem da pesquisadora principal. Após a entrevista da informante-chave, ela indicou uma enfermeira negra que se encaixasse nos critérios de inclusão da pesquisa e o contato foi realizado via telefone. Tal procedimento foi repetido até que houve um caso de recusa de participante. Assim, retomou-se o contato com a entrevistada anterior para uma segunda indicação da potencial participante, entretanto, não haviam outras enfermeiras negras para indicação, o que levou ao encerramento da seleção das participantes. Os critérios de exclusão foram de enfermeiras autodeclaradas negras que estavam em férias, folga ou em licença de alguma natureza durante o período da coleta de dados.

Os dados foram coletados pela pesquisadora principal mediante entrevistas audiogravadas, no período de maio e junho de 2022, de forma online, utilizando a plataforma de reuniões Google Meet, com acessos individualizados, enviados aos entrevistados pela via de contato prévio. As chamadas foram realizadas em ambiente privativo da casa da pesquisadora principal, com o intuito de garantir anonimato, privacidade e um ambiente seguro para a informante se expressar. Durante a entrevista, gravou-se apenas os áudios através do aplicativo *Audacity* para transcrição na íntegra e posterior análise. As entrevistas tiveram uma duração em média de uma hora. Primeiro, realizou-se as perguntas semiestruturadas, que versavam sobre a construção acadêmica como enfermeira, até o início da carreira profissional; experiências profissionais como enfermeira negra; e significado de ser enfermeira negra. Posteriormente, abria-se um espaço para as entrevistadas falarem livremente sobre o tema. As entrevistas ocorreram após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pessoalmente ou via formulários do Google Forms.

Após a realização das entrevistas, o conteúdo foi transcrito na íntegra, literalmente, e os dados foram tratados por meio da proposta operativa de análise de conteúdo, sendo desenvolvida em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação.⁽¹⁵⁾ A análise temática dos conteúdos das entrevistas resultou na produção de três categorias, apresentadas na sequência. A categorização agregou temas identificados previamente, por sua relação com o objeto de estudo, e outros derivados da análise do material empírico, a saber: Trajetória acadêmica de enfermeiras negras: acesso e permanência na Universidade; Cor, gênero e classe: intersecções produtoras de discriminação às enfermeiras negras; e Representatividade, resistência, orgulho e sofrimentos experienciados nas trajetórias profissionais de enfermeiras negras.

RESULTADOS

As participantes da pesquisa foram cinco enfermeiras autodeclaradas negras com idade entre 35 e 47 anos, com tempo de formação de nove a 20 anos, com trabalho no HE-UFPel/EBSERH de cinco a seis anos. Uma participante possui especialização, duas mestrado e duas doutorado como maior titulação acadêmica, quatro enfermeiras se formaram em instituições federais e uma em instituição privada. A seguir, apresentam-se três categorias temáticas de análise.

Categoria 1: Trajetória acadêmica de enfermeiras negras: acesso e permanência na Universidade

Nesta categoria, as participantes relataram sobre questões ligadas ao acesso ao ambiente universitário. Na época, para conquistar uma vaga na Universidade, as participantes recorreram ao ensino privado durante o ensino médio e/ou cursos preparatórios para a seleção, fato que leva a necessidade de investimento financeiro e até mesmo o abandono de outras formações para focar nos estudos e conseguir se fortalecer para o ingresso no ensino superior.

[...] uma parte dos meus estudos eu fiz na escola pública e uma parte na escola privada para poder entrar na universidade. [...] foi um vestibular bem difícil, até porque era um curso com poucas vagas. (Enf. 1)

[...] eu fiz o vestibular em 2002, e fazia um curso técnico, que eu não cheguei a me formar, larguei para estudar no cursinho para o vestibular. (Enf. 2)

Quando eu cheguei em Pelotas, eu fiz um cursinho pré-vestibular [...]. (Enf. 3)

As questões financeiras eram o principal desafio para a permanência das participantes na Universidade. As participantes dependiam exclusivamente dos poucos recursos das famílias ou precisavam se dividir entre os estudos e trabalho para se manter nela.

[...] A minha família não tinha muitas condições, nós éramos pobres, não tinha muitas condições de vir morar em Pelotas, então teve um esforço total. Eu vim para cá [Pelotas] e comecei a fazer a faculdade, eu dividia apartamento com outra menina [...], no início foi bem difícil para se manter. (Enf. 4)

E foi bem difícil assim, cursar a universidade, eu entrei [...] tinha 25 anos, e trabalhando sempre, fazia plantão aos finais de semana cursando a faculdade, depois para o final da faculdade [...] passei em um concurso público como técnica de enfermagem na prefeitura, e foi bem difícil fazer a faculdade. Pelo menos um emprego eu precisava ter para me manter. (Enf. 5)

Categoria 2: Cor, gênero e classe: intersecções produtoras de discriminação às enfermeiras negras

As participantes do estudo relataram a falta de representação negra no corpo docente da instituição. Além da ausência de docentes, eram poucos os alunos negros, sendo comum apenas um representante ou acontecer abandono dos estudos por pessoas negras que não conseguiam se manter durante a formação.

Não, nunca tive [professor negro na faculdade]. Não, na minha sala eu era a única [aluna negra]. (Enf. 1)

[...] eu era a única negra na minha turma. A minha prima se formou antes, enfermeira também e era a única negra da turma. (Enf. 2)

Tive quatro colegas negros, da mesma turma, a nossa turma era a única que tinha uma maioria. Era eu e mais quatro, cinco alunas. Uma reprovou, [...] seguimos eu e mais três. [...] a gente notava que tinha pouca presença de pessoas negras nas turmas, bem menos, ao término era eu e mais duas, éramos três enfermeiras em uma turma com 12. (Enf. 3)

Não, professor negro, não tive nenhum tanto no curso técnico como na faculdade e colegas negros sim, eu tive. Acho que a maioria ficou pelo caminho. De uma turma de 20 pessoas tinha uns cinco negros, e se formou só eu e outra pessoa. (Enf. 5)

Durante a vida profissional, a falta de representatividade negra nos espaços se mantém. As participantes relataram que frequentemente são as únicas enfermeiras negras do setor, que a maioria das pessoas negras ocupam funções de menor escolaridade. Expõem também a ausência de pessoas negras nos cargos de chefia da instituição.

[...] tu vê algum negro na direção do hospital? Não tem. Tu vê algum negro dentro do departamento de enfermagem? Não tem. A gente não existe? A gente existe, mas a oportunidade não chega. (Enf. 1)

[...]é ali no meu setor não tem enfermeiro negro, tem técnico. A gente não consegue se encontrar nesses espaços ainda, infelizmente e a gente vê a maioria negra com um nível de escolaridade menor. [...] quanto maior a escolaridade, menos a gente vai se encontrando. [...] na chefia a gente não vê pessoas negras, na EBSERH a representação é bem baixa, poucos negros. Infelizmente somos a minoria. (Enf. 2)

Lá no Hospital Escola a gente não têm negros na chefia, se tem é um ou dois, naquelas chefias de pouca visibilidade. É melhor tu dar um cargo de chefia assim para o negro porque ninguém vê. (Enf. 4)

As participantes apresentaram situações em que foram expostas ao racismo cotidiano no ambiente de trabalho, na forma de microagressões. Situações que as colocam em uma posição de defesa, sentindo a necessidade de comprovar a qualificação constantemente, gerando esgotamento físico e mental.

[...] As pessoas ficam olhando para teu trabalho, te vigiando, para ver se tu é competente, devido a tua pele, porque com os outros tu não vê isso. [...] E no meio de tudo isso ainda tem a questão de tu ser negro, de ser reconhecido como enfermeiro, tu tem que ter vários títulos para comprovar, só por causa da tua cor. (Enf. 1)

[...] uma criança pegou e fez um comentário: engraçado ela tem a pele preta, escura e as mãos brancas, mas ela é uma pessoa de bom coração [silêncio] [...]. [...] em algumas unidades eu lembro das pessoas dizerem assim “ela que é minha enfermeira”, As pessoas olham e dizem “ela é tua enfermeira?”. Todo mundo fica assim, “mas ela é negra!” Eles não verbalizam, mas olhando na cara deles você vê. (Enf. 3)

E sim eu já sofri racismo dentro do hospital [...]. Por exemplo, aqui no sul a gente usa azul, os enfermeiros, e já entrou um colega médico e eu estava ali de azul [risada], e perguntando quem era o enfermeiro. E por muitas vezes, se eu não me imponho, eu não sou o enfermeiro da unidade, eu vejo uma colega minha que é branca, é ela a enfermeira da unidade. Não precisa nem perguntar, eles já chegam para ela, tu é a enfermeira da unidade. Essa diferença de tratamento eu vejo, e acho que para nos enfermeiros negros e como mulher negra, [...] a gente tem que falar duas, três vezes para ser ouvida. [...] é muito desgastante. Eu tenho que ter muita firmeza das respostas que eu vou dar, ou o procedimento que eu estou fazendo, me impor naquilo, porque se eu for falhar em algum momento naquela resposta ali pronto, eu sou desvalidada [...]. (Enf. 5)

Categoria 3: Representatividade, resistência, orgulho e sofrimentos experienciados nas trajetórias profissionais de enfermeiras negras

Nesta categoria, as entrevistadas retrataram o que significa para elas ser uma enfermeira negra. Nas falas, percebe-se o orgulho pelo caminho percorrido, mas se observa também o desgaste por ser enfermeira e negra, a responsabilidade redobrada, o desgaste emocional e físico por ter que constantemente provar sua competência.

O que significa para mim? Nunca pensei nisso [risada], eu acho que sinto orgulho de transpor essas barreiras. Mas eu me sinto bem, eu acho que eu quero representar um espaço para que outras mulheres negras possam entender que também podem estar nesses espaços, a gente tornar isso mais comum, que a gente se sinta representado. (Enf. 2)

[...] não é fácil, a gente olha estou sempre rindo, sempre brincando, mas é algo que não é fácil, algo que a gente constrói dia a dia, exigem da gente 10, mas a gente tem que ser 30, para que a gente seja minimamente comparado com aquele profissional que é branco, para que a gente tenha um mínimo de reconhecimento igual a que o outro profissional tem. (Enf. 4)

[...] Então ser enfermeira negra é isso, correr duas, três vezes mais, provar que temos conhecimento técnico – científico, se impor duas três vezes mais. (Enf. 5)

DISCUSSÃO

As participantes do estudo resgataram, a partir dos questionamentos da pesquisadora, memórias de suas trajetórias acadêmico-profissional que foram e que ainda são afetadas diretamente pelo racismo em suas diversas formas. Ser mulher negra em uma sociedade racista, classista e sexista se mostra um desafio em especial quando se busca mobilidade social por meio da educação. A dificuldade no acesso ao ensino superior pela população negra ocorre desde a escolarização, especialmente em frequentar, permanecer e concluir o ensino médio.⁽¹⁶⁾

Para compreensão das desigualdades ainda observadas no ensino superior, é necessário levar em consideração o percurso acidentado percorrido pelas jovens negras até chegar na universidade. Jovens provenientes de famílias carentes têm maiores dificuldades de concluir o ensino básico, tendo que optar pelo trabalho diário e estudo noturno, quando isso é possível. Não raro, mulheres negras precisam

ingressar no mercado de trabalho mais cedo para sanar as necessidades básicas como alimentação, vestimenta e moradia, pois a estrutura familiar nem sempre consegue proporcionar o básico para essa jovem ter condições de somente estudar.⁽¹⁶⁻¹⁷⁾

Para as famílias negras, a educação é um dos principais mecanismos de ascensão social, elas projetam nas/os jovens a realização dos sonhos que eles não tiveram a oportunidade de realizar. A maioria das enfermeiras negras entrevistadas teve apoio familiar para o ingresso e durante a formação, mas quando não há uma família ou outra rede de apoio que ofereça os suportes materiais e simbólicos necessários para seguir os estudos, fica muito mais difícil vencer as adversidades. A tentativa de conciliar trabalho e estudo gera cansaço e desmotivação, aumentando assim as chances de evasão.⁽¹⁸⁻¹⁹⁻²⁰⁾

As participantes do estudo ingressaram na universidade antes da Lei das Cotas, mas após mais de uma década de implementação, já é possível observar, mesmo que de maneira tímida, a diminuição das desigualdades raciais dentro do ensino superior. Porém, mesmo que as cotas sejam um importante passo para a transformação do cenário acadêmico, as desistências evidenciam que a garantia do acesso é essencial, mas também é preciso que se efetive políticas de permanência para alunas cotistas na universidade.⁽¹⁸⁻²⁰⁾

A universidade é um espaço historicamente ocupado pela branquitude, com suas epistemologias eurocêntricas e o protagonismo da população branca no corpo docente, nos cargos administrativos e discentes. Ao pertencer a outros segmentos populacionais, esse cenário pode causar estranhamento e sentimento de deslocamento.⁽¹⁾ As participantes do estudo não estavam refletidas naquele espaço, não haviam, segundo elas, representantes negros no corpo docente durante as suas vidas acadêmicas. A falta de representatividade nestes espaços pode gerar uma percepção equivocada de quais ambientes podem ser ocupados por pessoas negras.⁽²⁰⁾

Para reduzir as desigualdades, é preciso povoar os espaços para que as mulheres negras se identifiquem. Ao ocupar lugares de produção de saber, que até então eram pertencentes a pessoas brancas, as professoras negras se tornam referências positivas, despertando desejo e motivação dos seus semelhantes para também ingressarem na vida acadêmica. Elas iniciam reflexões sobre gênero, sexualidade e pertencimento racial com o foco em multiplicar o debate sobre resistência e diversidade dentro e fora das universidades, discussões que até então eram silenciadas.⁽²⁰⁻²¹⁾

Mesmo com a Lei nº 12.990/2014 que reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, o racismo institucional no mercado de trabalho ainda provoca a invisibilidade da mulher negra. Elas raramente ocupam cargos de chefia e de direção, corroborando com os relatos das enfermeiras negras entrevistadas. A lei de cotas em concurso públicos está longe de alcançar seu objetivo, a equiparação racial, por isso ela deve ser mantida e fiscalizada.⁽²²⁾

A desigualdade representativa dos demais segmentos raciais é uma estratégia e consequência da branquitude para a manutenção do poder e do status quo. A quantidade de enfermeiras negras entrevistadas reflete o processo de invisibilidade, isolar a/o sujeita/o negra/o mantém o consenso branco e preserva as desigualdades. Ser *outsider within* e ter que representar não somente a si, mas um grupo, evidencia o racismo e retira o direito da mulher negra à subjetividade. A mulher negra não é apenas ela, é um corpo, um grupo, uma história, existindo assim em triplicidade. Ao ser tripla, é necessário ser três vezes melhor do que as pessoas brancas para se tornar igual.⁽⁵⁾

Como já foi dito, a enfermagem brasileira nasceu com forte influência da cultura de branqueamento e dos ideais eugênicos. Essas evidências contribuem para forjar uma identidade e orientação profissional além de exercício da enfermagem e das representações sociais influenciando diretamente as relações interpessoais até os dias atuais.⁽¹¹⁻¹²⁾ As falas das entrevistadas colocaram em evidência que o racismo faz parte do cotidiano do trabalho. As pessoas atendidas no hospital de ensino, contaminadas pelos estereótipos identitários da profissão e pela cultura arraigada do branqueamento que por anos determinou quais papéis deveriam ser assumidos pelas mulheres negras, raramente as colocam como ocupantes de cargos de liderança. O racismo cotidiano sofrido pelas enfermeiras negras indica a necessidade de criar ferramentas que promovam a reflexão da sociedade sobre o racismo e as posições de privilégios da branquitude.⁽²³⁻²⁴⁾

O racismo cotidiano reproduzido através de microagressões pode afetar a autoestima das mulheres negras, por terem características desvalorizadas pelos outros, elas tendem a internalizar as opiniões negativas, apresentando uma autoestima mais baixa do que os grupos mais valorizados. A convivência constante com experiências discriminatórias sofridas no ambiente de trabalho impacta na saúde física e mental, tendo sido observadas correlações entre experiências de discriminação, transtornos mentais,

estresse e sintomas depressivos de uma forma geral. Então, o racismo é um fator de risco determinante para o desenvolvimento de transtornos psíquicos e de adoecimento da população negra.⁽²⁵⁻²⁶⁾

Ao adentrar em uma comunidade excludente, por mais que as mulheres negras busquem o padrão socialmente aceito, mesmo contra a vontade, realidades e vivências, elas se mantêm *outsiders within*. Isso torna as experiências das mulheres negras cada vez mais tensas e desconfortáveis. As *outsiders within* precisam desconsiderar as tensões provocadas por suas diferenças ou transformar as tensões em perspectivas de resistência e mudanças. A entrada e permanência de mulheres negras em espaço que antes não eram ocupados por elas pode tornar esses ambientes mais plurais, com aproximação entre as mulheres negras através de processos estéticos, de autoconhecimento, construindo uma rede de afetos e solidariedade entre as *outsiders within*.⁽¹⁰⁾

A compreensão da negritude é fundamental para que elas reconheçam suas experiências como legítimas, assumindo o protagonismo de suas histórias. Desta forma, as mulheres negras caminham na direção de um inconformismo que leva a ações concretas que subvertem a lógica das opressões vividas pela maioria dos seus ancestrais, assim, elas vivem em luta diária não só em defesa de si, mas também de toda a coletividade.⁽²⁶⁻²⁷⁾ A resistência negra representa a luta para reverter esses efeitos, afirmando a cultura e a ancestralidade negra e rompendo com o padrão de embranquecimento da sociedade brasileira. Mesmo que as situações enfrentadas pelas enfermeiras negras em seus cotidianos não se tornem menos dolorosas, a resistência e luta contra as adversidades contribuem para dissolver estigmas e criar inspirações para futuras gerações.⁽²⁷⁾

A baixa representatividade de profissionais negras dentro da instituição reafirma a necessidade de manutenção da política de cotas tanto na formação quanto nos concursos públicos. O número reduzido de enfermeiras negras no campo de estudo se tornou um limitador para ampliar a percepção a respeito da temática. Outra limitação da pesquisa foi a dificuldade de encontrar referências atuais sobre mulheres negras referentes à sua formação e ao trabalho, especialmente na enfermagem. Na busca realizada, apenas foram encontrados três artigos publicados nos últimos cinco anos que versam sobre a presença negra na enfermagem brasileira e na universidade pública.^(1,11-12)

Os resultados do estudo indicam a necessidade de investimento em pesquisas sobre mulheres negras e a enfermagem, e também sobre o impacto do racismo na saúde mental das enfermeiras negras. Além disso, é importante agregar epistemologias que antes estavam invisibilizadas pela formação eurocêntrica das universidades brasileiras, como o pensamento feminista negro e decolonial. Quanto mais estudos forem publicados sobre a situação dessas mulheres no meio acadêmico e profissional, maior será a mobilização e a busca por mudanças que podem advir por intermédio de uma educação de qualidade e inclusiva e do empoderamento, representando mais reconhecimento e lugar de fala para as enfermeiras negras.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados, foi possível conhecer a trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras HE-UFPel/EBSERH. Trajetórias que foram e são perversamente atravessadas pelo racismo em suas diferentes formas, quando encontraram dificuldades em ingressar e permanecer na universidade, ao não se verem representadas no corpo docente ou quando não encontram colegas negros nos cargos superiores da administração pública. Além de sofrer com o racismo cotidiano, presente na rotina profissional, quando precisam constantemente provar sua competência e no comportamento de colegas, usuários e acompanhantes do serviço de saúde. Mesmo com a presença perversa do racismo, as enfermeiras negras resistem e deixam um legado de pertencimento e identidade tão importante para as futuras profissionais negras.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Concepção ou desenho do estudo: Avila RV, Mota MS. Coleta dos dados: Avila RV. Análise e interpretação dos dados: Avila RV, Farias TA, Mota MS. Redação do artigo ou revisão crítica: Oliveira IR, Mota MS, Porto AR, Ribeiro JP. Aprovação final da versão a ser publicada: Ciclano ABC, Beltrano XY, Fulano AB. Mota MS, Porto AR, Ribeiro JP.

REFERÊNCIAS

1. Alcântara MS, Júnior PRS. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. *Rev AMAzônica*. [Internet]. 2020;25(2):127-63. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767/5454>.
2. Silva IT, Nascimento MIM. O negro no brasil: educação e trabalho pós-escravidão por um viés marxista. *Repecult*. [Internet]. 2019; 4(7): 78-87. doi: <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-5>.
3. Gomes NL, Silva PVB, Brito JE. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. *Educ. Soc*. [Internet]. 2021;42(e258226):01-14. doi: <https://doi.org/10.1590/ES.258226>.
4. Almeida SL. *Racismo estrutural*. São Paulo (SP): Pólen; 2019.
5. Kilomba G. *Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*. tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Cobogó; 2019.
6. Bento C. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 2022.
7. Leal HM. A interseccionalidade como base do feminismo negro. *Cad. Ética Filos. Polít*. [Internet]. 2021;39(2):21-32. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p21-32>.
8. Lima CA, Freitas RC. Ainda somos poucos!? Invisibilidade e silenciamento de docentes negras (os) nas universidades. *ABATIRÁ*. [Internet]. 2021; 2(3):224-41. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/abatira/article/view/11849>.
9. Kyrillos GM. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. *Rev. Estud. Fem*. [Internet]. 2020; 28(1):e5650. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509>.
10. Collins PH. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo (SP): Boitempo; 2019.
11. Campos PFS. História, mulheres negras e enfermagem brasileira. *Rev. Espaço Acad*. [Internet]. 2021;21(230):167-77. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58389>.
12. Ferreira SC, Jesus LC, Pinto AJCC. A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil. *CEDU*. [Internet]. 2021;4(e11858):1-21. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11858>.
13. Santos JER, Lucio LG, Rosa APT, Silva EM, Silva DA. Estudar e trabalhar: motivações e dificuldades de graduandos de Enfermagem. *Nursing*. [Internet]. 2020;23(263):3678-82. doi: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i263p3678-3682>.
14. Souza VRS, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. *Acta Paul Enferm*. [Internet]. 2021;34:eAPE02631. doi: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>.
15. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo (SP): Edições; 2011.
16. Artes A, Unbehaum S. Marks of color/race in upper secondary education and their effects on higher education in Brazil. *Educ. Pesqui*. [Internet]. 2021;47(e228335):01-23. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147228335>.

17. Evangelista JI, Maciel CE. Política de cotas na educação superior: lutas e desafios no combate à pobreza e desigualdade de estudantes negros. IA. [Internet]. 2019;44(1):111-27. doi: <https://doi.org/10.5216/ia.v44i1.55654>.
18. Costa AL, Picanço F. Para além do acesso e da inclusão: Impactos da raça sobre a evasão e a conclusão no Ensino Superior. Novos estud. CEBRAP. [Internet]. 2020;39(2):281-306. doi: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020003>.
19. Santos ABP, Shiota RR. Família e religião: condicionantes no processo de escolha profissional dos jovens de pré-vestibulares sociais. PROFEPT. [Internet]. 2022;6(1):40-52. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/932>.
20. Silva NKM, Santos SC. Docência negra: representatividade e perspectivas. DE. [Internet]. 2020;8(2):390-413. doi: <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11766>.
21. Garcia A, Muniz RL, Zacheo CA. A interseccionalidade da mulher negra e a sua (in)visibilidade no ensino superior brasileiro. REFDF. [Internet]. 2021;16(1). doi: <https://doi.org/10.21207/1983.4225.1204>.
22. Santos ES, Gomes NL, Silva GM, Barros RCS. Racismo institucional e contratação de docentes nas universidades federais brasileiras. Educ. Soc. [Internet]. 2021; 42(e253647):1-21. doi: <https://doi.org/10.1590/ES.253647>.
23. Machado PSX, Miranda ARA, Rezende AMC, Brito JC. “um pingo de feijão em uma panela de arroz”: racismo, trajetórias e perspectivas de mulheres negras no poder judiciário. E&G. [Internet]. 2021;21(59): 90-109. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2021v21n59p90-109>.
24. Martins TV, Lima TJS, Santos WS. Effects of gendered racial microaggressions on the mental health of black women. Cienc. Saude Colet. [Internet]. 2020;25(7):2793-2802. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>.
25. Santos GC, Brisola EBV, Moreira D, Tostes GW, Cury VE. Impacto do Racismo nas Vivências de Mulheres Negras Brasileiras: Um Estudo Fenomenológico. Psicol., Ciênc. Prof. [Internet]. 2023;43(e249674):1-16. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249674>.
26. Silva J, Euclides MS. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). Educar. rev.[Internet]. 2018;34(70):51-66. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58760>.
27. Santos VJO, Costa JG, Brandão FAM, Moraes Filho IM. Paradigm changes performed by black women in nursing. REVISA. [Internet]. 2022;11(4):451-7. doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n4.p451a457>.

Conflitos de interesse: Não
Submissão: 2023/07/21
Revisão: 2023/10/30
Aceite: 2024/02/02
Publicação: 2024/04/04

Editor Chefe ou Científico: José Wicto Pereira Borges
Editor Associado: Francisca Tereza de Galiza

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à Revista de Enfermagem da UFPI o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution BY 4.0 que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.